

Literatura comparada: novos e velhos caminhos da floresta

Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão (orgs.), *Floresta encantada: novos caminhos da literatura comparada*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, 592 pp.

O fruto mais apetecido que encontrei recentemente caiu de maduro de uma árvore conhecida pelas suas qualidades encantatórias, a *arbor comparatione*, e é produto dos cuidados que poucos mas excelentes especialistas têm dedicado aos estudos comparatistas no seio da investigação e do ensino universitários portugueses. *Floresta encantada: novos caminhos da literatura comparada* editado pela chancela das Pub. Dom Quixote em finais de 2001, reúne uma vasta colecção de ensaios criteriosamente seleccionados e organizados por Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão, docentes da Universidade de Lisboa. Melhor fusão de competências na matéria não se poderia provavelmente arranjar na actualidade, o que faz com que esta edição suscite curiosidade e um olhar clínico mais acentuado por parte dos leitores interessados.

Começando pelo mais fácil, podemos referir que a colecção de ensaios faz jus a uma tradição anglo-saxónica de publicação de estudos (*a collection of essays*) no âmbito de uma área científica em particular, apresentando o state of the art sobre a matéria imbuído dum evidente cariz didáctico, o que é de ressaltar para os estudos comparatistas quando nada de semelhante foi elaborado até agora, e muito menos com este fôlego. Os textos abrangem, pela sua datação, um período de publicação e reflexão críticas sobre Literatura Comparada que se inicia em 1982 e vai até ao ano transacto, havendo a notar quatro textos dos anos 80 (82, 83, 85 e 89) e doze dos anos 90 (90, 93, 94, 95, 96 e 98). Estes dezasseis constituem o conjunto de não inéditos, o que deixa seis ensaios inéditos publicados por cinco autores portugueses e um brasileiro, num total de vinte e dois textos. Nunca será por demais referir que a edição é feita por completo em língua portuguesa, o que pressupõe um cuidado e laborioso trabalho de tradução dos textos escritos originariamente em inglês, castelhano, italiano e francês.

De acordo com a intenção dos organizadores delineada na introdução, os ensaios encontram-se divididos em três grandes conjuntos: *Estado do campo*, *Áreas disciplinares* e *Problemas e leituras*, por esta ordem. O objectivo de cada um deles encontra-se devidamente justificado na mesma secção, o que se torna facilitador na orientação e selecção das leituras que qualquer um possa fazer. O equilíbrio destes três conjuntos é obtido, em termos quantitativos, com sete artigos no primeiro, oito no segundo e sete no terceiro.

Se optarmos por uma leitura sequencial dos artigos, a primeira parte

é direccionada a uma reflexão epistemológica e institucional sobre o estatuto e o enquadramento disciplinar da Literatura Comparada, o que desde logo é marcado pelo estudo de abertura de C. Bernheimer, no seu famoso "Relatório", ao traçar uma clara fronteira entre duas práticas historicamente marcadas da disciplina: uma elitista e eurocêntrica, em que prevalece uma perspectiva diacrónica do fenómeno literário até aos idos anos setenta do séc. XX, e outra renovadora, mais preocupada com a dimensão discursiva do literário e direccionada para o multiculturalismo e a interdisciplinaridade. Apesar de toda a controvérsia gerada pelo mesmo, em especial no âmbito universitário anglo-saxónico, o facto de ser um balanço não lhe permite aprofundar estratégias que sejam problematizantes para o respectivo campo de estudos, embora aponte algumas pistas para relançar o comparatismo. O mesmo já não se passa com os autores seguintes, sendo de destacar três deles – Helena C. Buescu e António S. Ribeiro/Maria Irene Ramalho – cujos contributos não se quedam pelo levantamento de dados e pela historicização do percurso da Literatura Comparada dentro dos estudos literários em geral, uma opção crítica que é mais do agrado de E. Fox-Genovese em "Entre elitismo e populismo: Para onde vai a Literatura Comparada" e de Hans U. Gumbrecht, no artigo "O Futuro dos Estudos Literários".

>>

O que os autores portugueses citados põem em destaque não é tanto esse mesmo percurso – o que, de uma forma ou de outra, está definido consensualmente – mas antes a instabilidade e a flutuação de fronteiras a que os estudos comparatistas se têm sujeitado nos últimos decénios, pondo em causa o enfoque do próprio objecto de conhecimento tutelar que o texto literário simboliza dentro da prática reflexiva sobre literatura. Contrariamente a Gumbrecht, que vê nessa questão um "desvanecimento da aura cultural da literatura", entre outros factores, António S. Ribeiro/M. Irene Ramalho confrontam esse "desvio" de contornos nos Estudos Literários com uma sobreposição do paradigma antropológico e sociológico dos Estudos Culturais, de certo modo patente no discurso crítico amplo e diversificado, e por vezes um tanto prolixo, diga-se, que tem legitimado o objecto de estudo e a metodologia destes últimos. Por outro lado, os argumentos de Gumbrecht premeiam um discurso histórico-filosófico mais abrangente dentro do campo das Humanidades, sem nunca perder de vista as incidências institucional e política que os Estudos Literários acarretam e as questões que se levantam em termos de futuro.

A dissolução da Literatura Comparada noutros campos, como sublinha Helena Buescu, tem forçado os comparatistas a uma maior permeabilização e oscilação do domínio cognitivo da leitura e do literário, recorrendo, para uma melhor compreensão do fenómeno, a um labor crítico e teorizador da literatura que fundamentalmente questiona o lugar dos estudos literários na actualidade face a outras áreas de conhecimento das Ciências Humanas e

Sociais. Este procedimento crítico-teórico, sustenta H. Buescu, torna-se relevante na construção duma consciência discursiva apoiada numa "fundação relacional do sentido" da Literatura Comparada, o que implica uma partilha – mas não imposição – de princípios e orientações entre esta disciplina e os Estudos Culturais, nomeadamente.

É interessante notar a proximidade de posições entre H. Buescu e António S. Ribeiro/M. Irene Ramalho, ao ponto de ser possível afirmar que a conclusão de ambos os estudos aponta para um cruzamento interdiscursivo e interdisciplinar das duas disciplinas que favoreça uma latente pluriterminação cultural e textual do espaço de afirmação da leitura e do literário, sem que de tal prática transvazem algumas questões éticas.

Os artigos de W. Iser, "A Ficcionalização como dimensão antropológica da literatura" e o de M. Filomena Molder "Entre duas águas: Sobre 'Sinais de Fogo' de Jorge de Sena" complementam-se igualmente pelo âmbito de estudo que abordam: o primeiro, centrado sobre a ficcionalização enquanto processo de construção de mundividências, tanto a nível literário como filosófico ou científico; o segundo, focalizado na elaboração do desdobramento do sujeito operado no fazer poético (e no fazer-se poeta) por via do testemunho no romance de Jorge de Sena. O estudo de Iser delimita e teoriza na perfeição o que Filomena Molder demonstra na prática: a experiência criativa do ser humano pela escrita pode ser uma das formas mais complexas de acessibilidade a nós próprios, num constante "jogo de duplo sentido", nos termos de Iser: o estar "fora de si" a partir do interior de si mesmo, sem que as imagens coincidam ou se sobreponham, antes se distanciem uma da outra favorecendo uma conflituosa autognose.

Um dos aspectos mais interessantes da organização deste volume é o facto de (quase todos) os artigos promoverem um diálogo intertextual incessante entre si, ao ponto de sermos levados a estabelecer uma tessitura assaz densa ao efectuarmos leituras cruzadas entre os três conjuntos de textos. W. Sollors, por exemplo, recupera uma das áreas do comparatismo que mais tem sido secundarizada em "A Crítica temática na actualidade", para demonstrar que ela pode aparecer sob a alçada de outras denominações como tematologia ou imagologia, mesmo quando os objectos de estudo não são coincidentes. O mais incisivo neste estudo acaba por ser a conclusão que os textos literários podem conter uma estruturação temática tal que a sua actualização depende dos constrangimentos histórico-sociais a que cada leitura está sujeita. Já M. Alzira Seixo, no seu artigo "A Questão temática: o tema como problema em literatura", reconstitui o percurso dos estudos temáticos num pequeno histórico bastante elucidativo, propondo um levantamento descritivo da questão numa vertente semântico-pragmática. Ao alargar o âmbito de aplicação do mecanismo "tema/rema" a uma possível abordagem intersemiótica dos "leit-motive" wagnerianos e do dispositivo das variações em música, M. Alzira

Seixo mais não faz do que procurar outros pontos de ancoragem para a problemática do "tema", abrindo assim o campo de estudos a outras artes, sem deixar de precisar que existem analogias passíveis de serem estabelecidas a nível narratológico e musicológico, o que sem dúvida levanta bem outro género de questões mais amplas para os estudos literários em geral.

Passar desta abertura a uma concepção intersemiótica da literatura para os "Estudos interartes: introdução crítica" de Claus Clüver é um passo lógico a fazer. Antes do mais, deve-se mencionar a excelente e exaustiva bibliografia sobre essa área (dezanove páginas!). O estudo não deixa por mãos alheias o objectivo do mesmo, ao elaborar uma visão diacrónica dos estudos interartísticos até se chegar a uma tipologia e definição do objecto de estudo dos mesmos. O autor questiona ainda a importância da semiótica na elaboração de conceitos e metodologias que forneçam uma metalinguagem precisa à disciplina, uma lacuna que não deixa de imputar ao discurso crítico e teórico contemporâneo mais vocacionado para outras vertentes. Os obstáculos que poderão advir ao desenvolvimento desta abordagem são demonstrados no estudo de Louis Marin "Panofsky e Poussin na Arcádia", no qual é elaborada a análise do diálogo intertextual que medeia entre a descrição dum quadro e a sua interpretação, uma leitura que ilustra a obsessão temática, por um lado, e, por outro, as várias re-escritas consecutivas na procura da reconstituição dos sentidos iconográficos e linguísticos presentes num género artístico comum aos dois textos: a elegia.

Um artigo fulcral para o entendimento das relações que a literatura estabelece com a história enquanto discurso constituinte da sua historicidade é o de Manuel Gusmão, "Da literatura enquanto construção histórica". A noção de "alteridade histórica" é o eixo de expansão a partir do qual se distendem as três partes integrantes do ensaio, um conceito cristalizador no qual conflui a noção de "distância temporal" de Gadamer e do qual se projecta o carácter dialógico da literatura na construção histórica. Deste modo se poderá ultrapassar, segundo as premissas avançadas por M. Gusmão, alguns dos modelos de pensamento mais tradicionais da história literária subsumida à história geral e que estão na base da perda da especificidade do campo literário e da pluralidade de sentidos da sua historicidade. Ao negarem este último aspecto, impede-se de igual modo a sua constituição num sistema aberto de discursos múltiplos e flexíveis que permitem pensar a literatura como uma construção histórico-antropológica.

A incidência pertinente deste artigo ajuda-nos a compreender a margem de afirmação das ideias de Homi K. Bhabha em "Disseminação: tempo, narrativa e as margens da nação moderna", nomeadamente as complexas estratégias de identificação cultural dum povo num espaço-nação que corresponde a uma invenção histórica arbitrária. A construção da nacionalidade, de acordo com Bhabha, é fomentada discursivamente através de "cronoto-

pos” que produzem um movimento ambivalente entre os discursos pedagógico de nação e o performativo da unidade política. O discurso das minorias e a afirmação das diferenças culturais no seio dum povo são frequentemente ensombradas pela inquietante imagem do *melting pot*, emissora dum discurso monolítico e castrador. De certa maneira, esta incidência do problema identitário foi dominante durante todo o século passado e de tal preocupação nos dá parte Eduardo F. Coutinho em “Reconfigurando identidades: literatura comparada em tempos pós-coloniais na América Latina”. A vitalidade do comparatismo neste continente é simultâneo ao descentramento das questões tradicionais com que a Literatura Comparada se costumava debater até aos anos 70 do século XX. Além disso, pode equacionar-se igualmente esse relançamento em função da afirmação da heterogeneidade das literaturas nacionais sul-americanas, da mobilidade e da pluralidade que lhe são características. Como aponta E. Coutinho, da inoperância de transposição dos paradigmas de valores sócio-culturais eurocêntricos e das relações de “intimidade” histórica que esses países partilham com a Europa ocorreu um efeito de transculturação ou “hibridez” (assim o designa) de que é corolário o conceito de antropofagismo lançado pelos modernistas brasileiros.

Este tipo de tensões dialécticas é sentido a nível dos estudos feministas, como nos dá a entender Ana Gabriela Macedo em “Os Estudos feministas revisitados: finalmente visíveis?”, ao colocar em destaque a necessidade da experiência das mulheres se afirmar pela oposição à tradição falocrática da cultura ocidental, uma afirmação que, segundo J. Kristeva, passa pela negatividade do próprio discurso feminista. O conceito de alteridade, refere a autora, torna-se a pedra basilar de resistência à homogeneização do discurso, numa busca incessante de novas fronteiras em que os estudos feministas possam fundamentar-se.

Quando se aflora a problemática da identidade, não há como evitar alargar-se o âmbito da discussão para a questão canónica. Se seguirmos as pisadas de J. Maria Pozuelo Yvancos em “O Cânone na teoria literária contemporânea”, encontraremos uma boa síntese dos diversos posicionamentos actuais agrupados em três pontos: um primeiro que analisa os implícitos da questão na esfera anglo-saxónica (Bloom, Kermod e Altieri), outro que engloba os estudos sistémicos (teoria dos polissistemas, sociologia da literatura e estudos empíricos da literatura) e, por fim, a perspectiva de enquadramento na teoria semiótica da cultura elaborada por J. Lotman. Repartindo o olhar entre teses mais institucionalizantes e tradicionalistas e outras mais funcionalistas e operativas, notaremos que as posições sobre o cânone assentam em axiomas distintos que dificilmente chegarão a um consenso teórico, embora, na prática, já nos tenhamos apercebido que muito ainda falta fazer para que haja uma mudança do paradigma de valores da cul-

tura ocidental para que o cânone literário reflita variações significativas.

Com o apoio dum conjunto de premissas teóricas semelhante, Susan Bassnett traça um panorama esclarecedor, no seu estudo "Da literatura comparada aos estudos de tradução", sobre o relevo que estes últimos têm adquirido no seio dos estudos literários e perante a própria literatura comparada. As velhas dicotomias *original vs tradução* ou *fidelidade vs traição* são então substituídas por uma articulação de processos de descrição e análise que têm em conta um amplo conjunto de factores intervenientes a nível sistémico (teoria dos polissistemas), que interferem na actividade de tradução e apelam, com frequência, a questões de âmbito socio-ideológico. Tal é cabalmente demonstrado num interessante artigo de João Ferreira Duarte "Tradução e expropriação discursiva: *The Lusiad* de W. J. Mickle", em que a vertente da autoridade e da legitimação do poder discursivo inerente ao processo de re-escrita dum tradução pode manipular a leitura dum texto original, com base num mecanismo de expropriação da identidade e do discurso do Outro. Não só esta estratégia discursiva, de "domesticação" da alteridade como é designado por João F. Duarte, corresponde a um acto de leitura enformador, como igualmente nos transmite uma diversidade de elementos relevantes sobre como se operam as interferências entre os diferentes sistemas literários, e os valores estéticos, socioculturais e civilizacionais que se entrecruzam nas duas culturas. Digamos que este é um entre os muitos factores de transformação intercultural que devem ser tidos em conta na abordagem do fenómeno literário pelos Estudos de Tradução.

"Será que existem géneros pós-modernos?" é a questão lançada por Ralph Cohen, sobre a qual lança um olhar analítico ao distinguir traços comuns entre géneros inovadores no séc. XVIII (*Tristram Shandy*) e o que é demonstrado em textos do pós-modernismo. O autor estabelece uma bipolarização entre a teoria clássica dos géneros e as teorias descritivas modernas fundamentadas na semiótica da comunicação, para a seguir inferir que a ausência de critérios definidores herdados do desconstrucionismo impedem a construção de géneros pós-modernos (mesmo apelando ao exemplo da paródia como género, segundo L. Hutcheon), ao que acrescenta ainda que terá sido com o pós-estruturalismo que o ensaio crítico e teórico ganhou estatuto de género. Cohen ressalva no final que, mais do que a flutuações genéricas, o pós-modernismo corresponde a uma dominante cultural num dado contexto histórico — o que, a meu ver, é bem pouco para enquadrar teoricamente uma problemática desse cariz.

É apoiado nesta indeterminação do pluralismo crítico produzido pelo pós-estruturalismo que Dario Villanueva sustenta a sua argumentação em "Pluralismo crítico e recepção literária". Segundo ele, foi graças à abertura da crítica literária aos campos da semiótica e da pragmática que se pôde ultrapas-

sar o reducionismo semântico a que estava votada e enveredar pela constituição de novos pontos de referência para os estudos literários, em especial pela implicação que teve na formação das teorias do leitor e da leitura (S. Fish, J. Culler, N. Holland, W. Iser, H. R. Jauss, entre outros). Mais uma vez se afirma que as bases de sustentação histórica e epistemológica se situam no formalismo russo e no funcionalismo checo, passando pela investigação fenomenológica efectuada por R. Ingarden e pelo dialogismo de Bakhtine, referências mais que suficientes para que se tenham multiplicado as possibilidades de leitura.

Dos dois textos que nos restam, o de Claudio Guillén, "Entre o uno e o diverso: introdução à Literatura comparada", é sobejamente conhecido para que se possa afirmar que é um texto seminal para quem queira compreender a dialéctica inerente à função actual do comparatismo e de que modo se jogam as suas coordenadas para uma melhor percepção da historicidade da literatura. "Sétimo dia", de G. Agamben, é um texto que fecha com chave de ouro o volume e nos reenvia ao texto de F. Molder, encerrando um círculo. Com base no estudo da retórica clássica e na poesia trovadoresca provençal, o autor estabelece uma relação entre o advir da linguagem como *topos* numa experiência amorosa, isto é, dum discurso que se quer afirmar como a razão fundamental do ser-algo através da própria experiência poética, a qual assenta na tradição filosófica ocidental da negatividade. Será, por ventura, no limiar desta cisão entre a poesia e o pensamento que se encontrarão algumas das respostas (a) que os estudos literários necessitam (de recorrer).

Em suma, é observável uma busca contínua de sentido para a afirmação da Literatura Comparada face à evolução e fragmentação do conhecimento operadas na sociedade actual. Apesar de terem aparecido novas áreas disciplinares que enriqueceram as perspectivas de estudo, não deixa de se sentir uma reificação dos pressupostos filosóficos e epistemológicos ligados à percepção do acto de leitura/interpretação e à multitude de constrangimentos que lhe é inerente. Disso nos convencemos ao verificarmos nestes artigos uma exaustão teórica pelo recurso constante a uma metalinguagem sobre o fenómeno literário que não é geradora de uma maior clarividência, tornando, muitas vezes, ofuscante qualquer abordagem dos textos literários numa perspectiva didáctica que vise construir uma percepção diferenciada das potencialidades da literatura.

Talvez o desafio futuro do comparatismo passe menos pelo isolamento profilático em que alguns desejariam situar a dimensão de fruição inerente à leitura textual, e seja mais visível pelo contágio que toda a sorte de outras leituras transmitem à literatura, tornando-a mais rica sem dúvida, mas também mais resistente e desafiadora para todos os que com ela se confrontem.